

O CRUZEIRO

JORNAL POLITICO, LITERARIO E NOTICIOSO.

O CRUZEIRO tem por fim considerar o Brazil na sua politica, na sua litteratura, e na sua administração; e especialmente advogar os interesses publicos da provincia de Santa Catharina. Publica-se ás quintas-feiras aos domingos; assigna-se a 7:000 por anno, a 4:000 por semestre, livre de porte e em pagamento adiantado. Folha avulsa 160 reis: annuncios a 60 reis por linha: e as publicações particulares o que se convencionar. Toda a correspondencia será dirigida ao director responsavel.

O CRUZEIRO.

LYCEO PROVINCIAL ???

Em treplica à contrariedade presidencial, feita aos irrespondiveis artigos do Dr. Mueller; e para que não se mystifique a opinião, e se pretenda tapar o ceo com uma peneira, temos de responder o seguinte.

I

E' falso que o S. Villington não soubesse a grammatica do inglez. Foi publicamente examinado e plenamente approved. O Sr. Amphiloquio é que não sabe a grammatica do inglez, apenas ensina a traducção; e ainda não soffreu um exame qualquer, pelo qual se possa mostrar que com effeito sabe o inglez theoricamente, assim como o sabe praticamente por ter estado algum tempo em um paiz da lingua ingleza. O S. Villington era incansavel e assiduo no ensino; e os seus discipulos, em geral, aproveitaram; não assim com o Sr. Amphiloquio cujas pensões de familia, em contacto com o lyceo, e cujo ensino, por isso, tem desistido e cedido a outros alumnos.

E' falso que o Sr. Villington estivesse em desintelligencia com os de mais professores. Assim pois este topico da contrariedade além de falso é cobardemente calumnioso.

II

A cadeira de rhetorica nunca foi provida; e pois não se sabia se teria alumnos ou não; e se o professor sabia ou não ensinar rhetorica, o que contestamos. Foi um abuso velho conserva-lo no ensino do latim; e é um abuso escandaloso nomea-lo professor de commissão para *ajudar a preparação dos exames*.

III

Só por um arbitrio escandaloso é que o Sr. Brusque poderia nomear o P. Sebastião para uma cadeira de latim. Ha nove mezes q' se *espera* a reforma que ainda tem de ser approved pela assemblea; e pois não há cadeira alguma creada; e quando a haja deve ser posta a concurso e não dada por compadrice, a quem tem uma reconhecida negação para o ensino.

IV

Em regra toda a quantia despendida dos cofres do estado tem de soffrer um imposto, que se denomina novos e velhos direitos, sellos etc. e um presidente qualquer não pode dispender um real, sem autorisação da assemblea. O dinheiro que percebe o P. Sebastião não foi autorisado pela assemblea, nem soffre o imposto que soffrem os de mais empregados: que nome pois terá isto?

V

Para umas cousas está feita a reforma e para outras não. Ha pouco disserão que o padre Sebastião tinha a commissão de coadjuvar a preparação dos exames: agora já é para providenciar o inconveniente de uma hora e meia de lição de latim por semana; e pois a commissão é definitiva; que mystificação! que burlas! que escandaloso!

VI

O Sr. Dr. Becker, *por seu genio brando*, não podia manter a disciplina do estabelecimento; logo nomeie-se o Sr. Amphiloquio de genio aspero, de maneiras rudes e grosseiras, como mostrou na assembléa, de assomos hemorroidaes, a ponto de injuriar; e em summa que pelo mexerico de um seu filho, expulsa, com escandalosa connivencia do Sr. Brusque, a um dos alumnos mais exemplares do lyceo.

A admissão de alumnos inhabilitados para cursar a instrucção secundaria é um empenho dos proprietarios Amphiloquio, Meirelles e padre Sebastião. Ali quer-se quantidade e não qualidade. E' por isso, é por falta dos necessarios preparatorios da instrucção primaria que não se fazem progressos reaes no lyceo. E se isto não é assim, o Sr. presidente ordene que os exames sejam feitos n'um edificio bem central na cidade, nomeie examinadores dos que se dizem contrarios ao estabelecimento, vá presidi-los e reconhecer-se-ha que os sacrificios da provincia, em relação à instrucção secundaria, não tem sido em geral muito proficuos. E' por expedientes assim que se deve defender o estado actual do lyceo: não com os desafios e o secundades do decanado de pintor Meirelles d'esse *oração sem verbo*, que é a summa vergonha d'aquelle estabelecimento, pois de um dia para outro passou de concertador de vidraças a professor de francez, de desenho, e a bibliothecario e director!

VII

O Sr. Brusque não *supprimiu*, mas sim *suspendeu* a cadeira de geographia e historia: isto é mystificação. Nas sabias indicações do seu relatorio passa o estudo d'estas materias para o quarto anno, quando até o devia pôr na instrucção primaria.

O Sr. Brusque queria a suppressão do desenho a assembléa quiz, diz o *inspirado* da presidencia, a sua conservação: *ergo* não houve sempre uma perfeita intelligencia entre estes dous poderes, como se tem querido assoalhar para soar ao longe. O disfructe das saudes de Canas-Vieras, tambem não foi factó de *perfeita intelligencia*; os senadores não deixavam entrar o cavallo de Caligula; mas o que é factó é que, desde esse dia o director d'esta folha, que tomou a iniciativa de opposição a essa esturdice, foi condemnado ao ostracismo: e as suas idéas sobre instrucção publica, até então tão luminosas, tão conformes com as de S. Exe. foram mandadas alcinhar de *proza* pelo charlatão do mal-das-vinhas.

VIII

A historia e geographia é um estudo muito necessario no curso da instrucção primaria, como diz o Sr. Brusque nas suas *inspirações* ao devasso *Argos* e ao *petit-Catharinense*; mas por uma logica de espiral colloca estas materias no quarto e ultimo anno do lyceo!...

IX

E' falso que o Sr. Paruquer não soubesse exprimir-se n'uma oração de sugeito, verbo e paciente. Antes de vir para a regencia d'esta cadeira já tinha sido notario publico da delegacia da freguezia de São Francisco Xavier. Aos Srs. Amphiloquio e Meirelles é que contestamos o saberem a grammatica da lingua portu-

gueza; e se nos contestarem exibiremos desde já uma prova do que avançamos contra este ultimo senhor dando publicidade a um seu escrito, e acompanhando-o da necessaria analyse. Sobre a instrucção do Sr. Amphiloquio é ella nenhuma, e se não desafiarmos-lo a apresentar sua fé-de-officio de homem de letras; e que justifique a acertada ou interessada escolha do Sr. Brusque.

X

As dez respostas presidenciaes encerram-se em duas 1.º mystificação: 2.º ignorancia.

Sobre a dimissão do Sr. Mueller, que de certo tem sido e é um juiz severo e incommodo á *ordem e saber*, que tem mostrado os proprietarios do lyceo, o illustre sabio nem a pede, nem a repugna. O seu procedimentode nobre character é uma anthitze com a vergonhosa mystificação, que tem-se dado entre a absurda e fresloucada direcção do lyceo, e a connivencia da presidencia.

Agora duas palavras ao redactor do *Catharinense*. Diz o mestre do Sr. Francisco Carlos da Luz, *orgão genuino do partido—Silveirista—*, que as dez proposições de libello accusatorio tinham sido firmadas pelo Srr. Dr. Mueller.

Abra lá, meu reverende senhor! Ha falta de *caridade* e injuria a esta asserção. O Sr. Mueller pensou, escreveu e assignou as suas dez proposições sem o auxilio de segundo, porque não obstante ser estrangeiro escreve o portuguez com muita superioridade, e sem galicismos, o que aliás não succede com o Sr. Redactor, como poderemos mostrar-lhe, apontando-lhe erros palmares de dicção.

Nem o saber, nem o character do Sr. Mueller consentem que elle *firmo* escritos alheios, como costuma succeder com certos *sermões*, textualmente copiados e dezenas de vezes repetidos.

Quem diz o que quer houve o que não quer.

PHENOMENO CABALISTICO,

O *Catharinense*, segundo jura a sua redacção, é o orgão genuino do partido, que trabalha pelo triumpho das candidaturas dos Srs. Silveira de Souza e Alvim contra as candidaturas do Srs. Lamago Costa e Luz.

Mas no seu numero de 28 do corrente lê-se n'elle, com geral escandalo dos eleitores, a seguinte passagem, que, com quanto seja sob a rubrica de correspondencia, tem a approvação moral da redacção; e vem esclarecer certas apprehensões que nutriamos a respeito d'esta folha.

« Nos só temos pedido, diz a *correspondencia* citada, e pedimos para os Exms. Srs. Lamago e Silveira; e não para o Sr. Alvim e menino chiquinho; trabalhamos e empregamos

todos os meios licitos; e que estão ao nosso alcance para vermos coroada a nossa tão desejada victoria. »

Ao lermos e relermos esta sorradeira insinuação não pudemos deixar de exclamar; — *latet anguis in herba*, isto é temos mouro na costa.

Chamamos a attenção do directorio do partido para este facto.

Elle carece de uma explicação leal e franca; isto é, nós e o publico carecemos saber do directorio: 1.º se elle esposa as doutrinas do *Catharinense*: 2.º se approva ou mesmo se consente, que a par da candidatura do Sr. Silveira de Sousa se esteja advogando a do Sr. Lamego com detrimento da do Sr. major Alvim.

Provocamos uma explicação. Com lealdade e desinteresse iniciamos, recommendamos, e temos sustentado a candidatura do Sr. Silveira contra a do Sr. Lamego. Por um tal empenho o publico sabe as afrontas e injurias que temos recebido dos contrarios. Como agora se nos insinua uma liga de votação para os Srs. Lamego e Silveira, quando todo o nosso empenho, todo o nosso compromisso politico é as candidaturas dos Srs. Silveira e Alvim?

Nada de mystificações meus senhores do *isivi... sint ut sunt, aut non sint*: quer isto dizer, ou sejamos como devemos ser, ou então saibamos a lei em que temos de viver, por que somos socios e não servos.

A nossa resolução é ganhar, ou perder com honra. Os nossos candidatos são os Srs. Silveira e Alvim: e devem elles ter a mesma gloria ou o mesmo revez. Não aceitamos outra qualquer transacção, ainda mesmo que isso fôra necessario para agradar ao Sr. Brusque, e obter a *promessa* das suas boas graças.

Uma liga qualquer com o Sr. Lamego nos desobrigaria do nosso empenho pela candidatura do Sr. Silveira, que temos advogado com sacrificio do nosso nome, porque no-lo tem atrozmente injuriado; e até com sacrificio de nossa fortuna, porque nos vimos forçado a fundar uma empreza jornalística para o que não estavamos dispostos.

Somos amigos de Platão; mas muito mais amigos da verdade. Nem por isso que temos estado em companhia de um partido, segue-se que applaudamos as estrategias de algum espertalhão. Nós só temos um compromisso: é fallar a verdade ao publico; e desmascarar as mystificações.

O *Catharinense*, de que é empregario o Sr. tenente-coronel Amaro José Pereira, redactor o Sr. vigario Joaquim Gomes de Oliveira e

Paiva, e editor o Sr. Germano Antonio Maria Avelim, diz no seu numero 10 o seguinte.

« O *Cruzeiro* está *apprehensivel*; cre que na sua suspensão teve parte a influencia presidencial. *Assecuramos-lhe*, debaixo de palavra de honra, que está enganado, que não teve n'isso a *menor* parte, nem *previo* conhecimento »

Convidamos, pois, aos Srs. empregario, redactor e edictor do *Catharinense* se dignem então esclarecer-nos, e assecurarem-nos tambem, sob sua palavra de honra o como se passou este mysterio.

E esta explicação é tanto mais urgente, quanto é facto ter pairado sobre o empregario, a que nos referimos, varias suspeitas de cumplicidade a este respeito, o que temos repugnado, porque esse individuo nos deve ser *peçoal* e politicamente *grato*.

Aguardamos a explicação; e que não venha mystificada; pois não ficaremos contentes.

Pão-pão, queijo-queijo.

Ao Sr. empregado publico do *Catharinense* pedimos pessa ao Sr. P. Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva lhe conte a historia da pretensão de uma cadeira no lyceio por parte do director d'esta folha.

O Sr. Francisco Honorato Cidade não de tambem, pela intimidade que tem com o Sr. Brusque, informar-se S. Exc. o que tem havido a este respeito; e se S. Exc. lhe fallar verdade, como é de presumir, conhecerão os taes esfo-meados por empregos que ainda ha gente que sabe viver sem elles, e que sabe conformar-se com as suas circunstancias pessoases.

E' por hora o que podemos dizer a este respeito. Com o tempo seremos mais explicitos.

A' pessoa que se dignou escrever-nos anonymamente, dando-nos conselhos para suspendermos a nossa opposição á primeira autoridade da provincia, temos de agradecer-lhe o cuidado pessoal que por nos toma e significar-lhe que não é a primeira autoridade da provincia que fazemos opposição; mas sim ao individuo, que por suas mystificações, e reconhecida inaptidão, compromette essa mesma auctoridade.

O correspondente anonymo veja o estado desgraçadissimo da instrucção publica: volte os olhos para os escandalos do lyceo; e conclua da capacidade de um presidente, que ha 8 mezes ainda não pode escrever a reforma do lyceo!

Que reforma monumental não será essa que tem levado 8 mezes a engendrar; e ainda não sahio á luz!..

Queira Deos que por ultimo não se verifique o *parturiunt montes nascetur ridiculus mus*.

COMMUNICADOS.

CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

VI

Compadre e Amigo. Não obstante a minha habitual pachorra, e a fleugma com que recebo todos os acontecimentos, ainda mesmo os mais esturdios, não pude ser indifferente á horripilante escamotagem, com que o Chico Cidade me quiz usurpar a paternidade d'estas cartas. Com effeito, compadre, não ha nada mais desesperador n'esta vida de prosa e verso, em que vivemos, do que estar eu com um cuidado tão cuidadoso para lhe alinhavar uma carta todas as semanas, e vir uma autoridade em palhaçaria e dansa como é o nosso estimavel Chico Cidade, e dar a paternidade das minhas cartas ora a este, ora aquelle e por fim ao Dr. Livramento, que se tornou o *cauchemaire* da gente presidencial.

Então um João Fernandes não é gente? Lá porque não sou um sabio de tarimba como o José Lopes, um financeiro como o Cotrim, um chalaça como o Coutinho, um francez e pintor como o Meirelles, um literato como o galo-branco, um portento em instrucção publica como o Dr. do Canudo, e um administrador de Provincia como o Sr. Brusque, nem por isso se segue, que não seja capaz de dar meu recado: — *nos etiam gens sumus, et scribinhare cartas sabemus*.

Decididamente, compadre, a mystificação tornou-se entre nós epidemia.

O mesmo *sol* já illumina com iguaes raios da sua inspiração as *redacções* do *Argos* e do *Catharinense*: quem tal diria! Veja como estas duas folhas *combinaram* uma resposta ao artigo do Dr. Mueller não só com as mesmas *ideas*; mas até com as mesmas palavras. Dizem que estas duas *folhas* tem um ponto de afinidade, que consiste em irem tomar a benção ao mesmo pai: — que marrecos!..

Um d'estes dias estive com o nosso amigo o barão da Galisa, e por signal, que tinha acabado de arranjar um artigo de collaboração com o Cotrim para mostrar ao *patifão* do director do *Cruzeiro* o horripilante crime de haver comprado e vendido por escrituras publicas uma propriedade rural. Desde as eleições da Lagoa nós estavamos meios *quigilados*, porque na realidade o barão deu com a eleição d'aquella freguesia em pantana, e até me dizem que houve sua escamotagem. O barão como diplomata recebeu-me muito bem, cortejou-me como homem bem creado, que é; e

para me dar mais attenção tirou as cangalhas, porque o estudo tem-o tornado miope.

Fallámos muito sobre a *juncção* da candidatura do literato Lamego com a do analphabeta Dr. Silveira; e o homem mostrou-se ciumento do Amaro por ter esta lembrança diplomatica somente digna d'elle.

Por fim despedimo-nos, mas antes d'isso offereceu-me uma pitada de rapé-Lisboa.

A boceta, compadre, é um chefe d'obra.

Tem as armas de nobreza do illustre barão, as quaes consistem em tres espadas!.. uma garganta!.. e uma cousa, assim a modo de capacete de alambique!.. O capacete e a garganta não sei o que possam significar; as espadas dizem os invejosos que simbolisam os tres espetos, com que seu nobre pai assava salcixas em Lisboa: mas eu, compadre, que intendo d'estas cousas, como o Chico entende de instrucção publica, posso assegurar-lhe, na phrase do *Catharinense*, que as espadas simbolisam a de D. Ruy Cid de Bivar, a de D. Gonsalo de Cordova e a do general Palafox, de quem descende o nosso barão em linha recta de espiral.

O *Catharinense*, compadre, tornou-se um frasquinho de essencia de mystificação.

Diz-se orgão do partido das candidaturas do Dr. Silveira e do major Alvim; e por ultimo sahe-se a elogiar e recommendar o Lamego, a fustigar o Dr. Luz e a por de lado o Alvim. Forte osga tomou o Sr. Brusque ao Alvim, que até lhe foi transtornar as agoas do frasquinho. Quem diria, compadre, que o P. Joaquim e o Amaro haviam ainda estar em abraço fraternal, deffendendo e advogando a *mesma* causa?.. Ahi lhe remeto a folhinha do Laemert; e verá a paginas 9, como é possível a união d'estes dois patriarchas de tribu diversa.

O que lhe posso afiançar, compadre, é que as mystificações da tal folha dos vira-folhas tem desgostado a mais de meia duzia pelas suas impertinentes zumbaias a um presidente inepto e gasto; e eu sou de opinião que as mystificações do Amaro vão pôr em risco a candidatura do seu cunhado.

O que vale é que já está salva a presidencia da camara.

O seu compadre e amigo

João Fernandes.

Meo querido Gé.

Hai muito que não recebo nobas tuas, porém chei que estás feito um homem grande, chegando o que lhêo o avadde da Freguegia n'um paipelucho quando acavou de chelear a chanta micha.

Ai Jajus!... santo nome de Jajus, m'o Gé!.. Avenchoado ventre que te pario!.. bem m'o dixia tua ábô que tu tainhas gritado no mombentre, antes deu to dar a luz. Assim isto me beio á idea, quando oubi o nosso avade dige que estabas Governando um batalhão de soldados á pé, e que taimbêm tinhas tres nabios, e muitas cajas, que tinhas um avito muito novre que no Vrasil chaimão offichial da Roja; e eras taimbem Pregidente e Barredor da camara, ai, mo Deus, que alegria!.. Corri logo para os aircos das aguas libres percurar hum compainheiro de teu pai, que chaibia o feitio das airmas que usaba nosso paiirão, para to mandar, por isso to mandei fazer esta vocheta de tartairuga com as airmas de nosso paiirão, para tu ujares. quando tomaires o bosso raipé, e pechote, que não mostres a ningaim, por que chegando por aqui o que mo dizem hai nessa terra muitos inbejosos, e podem ao depois birem no conhecimento que nos já fomos criados de serbir de nosso aimo. Adeos meo caro gé muitas begitas á tua gente.

D'esta tua Mãe que te degeja todo o bem estar.

MARIA NAVIÇA.

VARIEDADE.

A CALUMNIA.

Aquelle que chamou à calumnia um vício, era um adulator, a calumnia, é um crime, e um crime monstruoso, tão velho como a sociedade, de quem recebeu o nascimento. E' a molestia incuravel das almas fracas que, não podendo igualar aos que invejam, vingã-se em os calumniar. E' um fel, dizia Charron, que corrompe todo o mel da nossa vida, « que envenena a sociedade e quantas vezes com apparencia d'interesse, e até d'amizade!

Para quem possui alma nobre e generosa a honra é mais que a vida; um calumniador é mais odioso que um assassino; este matando-vos só vos tira a existencia, porém aquelle rouba-vos a reputação, que vale mais que tudo.

Um escriptor de talento exprimia com muita justiça um pensamento inteiramente novo quando dizia « A calumnia assemelha-se ao carvão, que ennegrece e suja quando não queima. » Todo o calumniador é cobarde, e devia ser expulso da sociedade; por que aquelle, diante de quem calumnia os seus concidadãos, deve dizer consigo « este malvado dirá o mesmo de mim na minha ausencia » Em Roma, no tempo da republica, o calumniador era marcado na testa com a letra K, assignalada com ferro em braza. A igreja anathematisou os calumniadores, como assassinos, até á morte. Um concilio de Latráo julgou os *calumniadores indignos do estado ecclesiastico* ainda que para o futuro se corrigissem. Finalmente o papa Adriano os condenou á pena d'açoutes. Extremamente difficil. e rarissimas vezes acontece, encontrar-se o calumniador em flagrante delicto, Espalha-se um boato perfido que offende a nossa honra se quereis remontar á sua origem, só os echos vos respondem, a voz já emmudeceu. Se interrogardes aos que accusam, perguntando-lhes d'onde sabem o que repetem, não obte-

reis outra resposta, senão estes termos vagos, *diz-se, asseguram que um certo individuo, cujo nome não sei, affirmava hontem n'uma reunião, que etc.* Rodeio vergonhoso traição infame, que ousa associar a multidão á negra infamia, pondo d'esta sorte a cuberto o verdadeiro culpado e só apresentando uma sombra a quem, por interessado, anhele encontrar um objecto real.

Varios escriptores disseram que o envenenador era o mais vil dos homens, mas quanto se enganaram! mil vezes é mais vil o calumniador; porque o que bebe a taça fatal é por dores prevenido da morte que o ameaça, e pode ainda empregar um antidoto efficaz; porém a calumnia, veneno moral de espantosa actividade, fere e assassina logo a victima. Todos sabem de que esta morre, só a misera ignora o proprio mal, e quando chega a conhece-lo é já tarde, e sem remedio; uma justificação é empreza mui difficil, e apezar de ter sido profferida na ausencia a sentença é sem appellação; debalde clama com energia a alma indignada do offendido *mentira! mentira!* infame e hipocrita a impostura tinha já vociferado qu'era verdade. e os echos repetiram *é verdade!* porque mais promptamente se acredita o mal do que o bem.

EDITAES.

O Tenente Coronel Anastacio Silveira de Sousa, Juiz de Paz mais votado e Presidente da Junta de qualificação da Parochia d'esta Cidade do Desterro, Capital da Provincia de Santa Catharina. &c.

Pelo presente convido aos Srs. Eleitores José Eduardo Wandenkolk, Thomaz Silveira de Sousa, José Maria do Valle, João Antonio Lopes Gondim, Amaro José Pereira, Francisco José d'Oliveira, Polidorio do Amaral e Silva, João Narciso da Silveira, Manoel Moreira da Silva e João de Sousa Mello e Alvim—e suplentes — Padre Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva, Manoel José d'Oliveira, José Maria da Luz, Antonio Francisco de Faria, Eleuterio Francisco de Sousa, Estanslão Antonio da Coneição, Antonio Claudino Rodrigues Coimbra, e Joaquim Ignacio de Macedo Campos; para comparecerem na Igreja Matriz no dia 30 de Dezembro, proximo futuro pelas 9 horas da manhã, afim de proceder-se a organização da Meza Parochial para o recebimento das Sedulas dos Cidadãos qualificados votantes d'esta Parochia.

E para conhecimento de todos mandei lavar este que será afixado, e publicado pela imprensa.

Desterro 30 de Novembro de 1860 — Eu José Marcelino da Silva, Escrivão que o escrevi.

Anastacio Silveira de Sousa.

O Tenente Coronel Anastacio Silveira de Sousa, Juiz de Paz mais votado e Presidente da Junta de qualificação da Parochia d'esta Cidade do Desterro, Capital da Provincia de Santa Catharina.

Pelo presente convido á todos os Cidadãos qualificados votantes d'esta Parochia, para comparecerem na Igreja Matriz no dia 30 de Dezembro proximo futuro pelas 9 horas da manhã afim de darem os seus votos em sedulas fechadas de todos os lados, contendo os nomes de 15 Eleitores que tenham as qualidades recommendadas pela lei.

E para chegar ao conhecimento de todos mandei lavrar este que será afixado e publicado pela imprensa.

Desterro 32 de Novembro de 1860. — Eu José Marcelino da Silva, Escrivão que o escrevi.

Anastacio Silveira de Sousa.

ANNUNCIOS.

FAZENDAS BARATISSIMAS.

Capas de panno e casemira para senhora a 10,000 reis, riscados de linho de xadrez a 180 ao covado, brim de linho pardo trançado a 560 a vara chitas finas de cores fixas a 200, 220 reis o covado, dita larga franceza a 200, 300, 320 c., riscado escossez a 180, 200 e 220 a vara, cortes de vestidos brancos de morcelina a 3,500, ditos em cassa a 3,000 e 3,500 reís, escosses de lã a 400 reis covado, alpaca liza de cores para vestidos a 400 o covado, veludo d'algodão para vestidos a 400 covado, lenços brancos com cercaduras a 140 e 200 rs., ditos grandes a 260, ditos brancos bordados a 200 rs., chales de froco de 4 pontas á 10, rs., cassinetas pretas de lã a 360 covado, ditas claras de xadrez a 320 o covado, brim e um variado sortimento de fazendas muito em conta, que vendem a dinheiro na loja de Manoel Francisco da Costa.

Em cumprimento de ordem superior, se faz publico, que, na thesouraria de fazenda da provincia, se acha aberta uma subscrição ou assignatura para a publicação das collecções de leis e decisões do governo, pelo preço 6,000 annuaes pagos adiantados; na intelligencia de que a typographia nacional enviará oficialmente pelo correio, aos subscriptores ou assignantes, o numero de exemplares com que houverem subscripto.

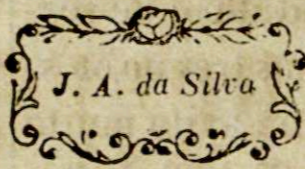
Secretaria da thesouraria de fazenda da provincia de Santa Catharina, em 30 de Novembro de 1860.

O official da secretaria

Carlos Galdino de Souza.

Maria Luiza Madeira possuida do maior sentimento pela sentida morte de seu prezado marido José de Freitas Madeira agradece a todas as pessoas que tomarão o emcomodo de ajudar os trabalhos da molestia do mesmo finado; etratarão do funeral, igualmente agradece aos irmãos que compoem a ordem terceira de S. Francisco de o ter conduzido o seo corpo ao ultimo jazigo e de novo os convida, e a todos os amigos do finado a assistirem a missa do septimo dia que se hade celebrar no dia 4 de Dezembro p. futuro a 7 horas da manhã na Igreja da veneravel ordem terceira de S. Francisco e desde ja se lhes anticipa em letributar seu eterno reconhecimento por praticarem este acto de caridade e religião.

Ferraz etc. Filho em liquidação rogão a seus devedores que hajão de vir satisfazer seus debitos, com a possivel brevidade. Desterro 1 de Dezembro de 1860.



SINETES

PARA MARCAR ROUPAS E PAPEIS.

Faz-se com as indicações dos nomes por extenso e iniciais, e com diversos caracteres á phantasia, ornados de desenhos, como os acima estampados, e muitos outros.

HOTEL DO VAPOR — Largo do Palacio.

O abaixo assignado, como liquidante da firma de Ferraz Pints etc. Nunes roga a todos os devedores da mesma firma hajam de vir satisfazer seus debitos, com a possivel brevidade. Desterro 1 de Dezmbro de 1860. Constantino Ferraz Pinto de Sá.

Os abaixo assignados fazem publico que fizeram venda de sua loja de ferragens da rua do Livramento n.º 2 aos Snrs. Caldeira de Andrade & Filhos com todo o seu activo e passivo, aos quaes fica pertencendo a cobrança da divida activa da mesma, e por tanto rogão aos seus devedores que aos dittos srs. satisfação seus pagamentos com brevidade, visto que estes teem de se retirarem para a corte.

Desterro 28 de Novembro de 1860.

Caldeira Filhos & Companhia.

Vende-se uma escrava de 23 annos pouco mais ou menos e um mulatinho com 8 para 9 annos com muita saude e bonitos, quem os pretender dirija-se á Caza de D. Inocencia Paula da Cunha para ve-los e tratar, Desterro 28 de Novembro de 1860.

P. S.

No immediato numero responderemos aos nossos gratos amigos do Catharinense, (folha lameguista-Silveira) sobre o epithote de sycophanta com que acaba de nos obsequiar. Estamos dispostos a pagar as nossas dividas de injurias; e se não com a mesma moeda de palavras obscenas e grosseiras, ao menos em lingoagem clara e precisa, para que de futuro nos fiquemos entendendo e conhecendo. Não recuamos um só passo. Podem se quizerem, ou puderem esmagar-nos: acharão um martyr, nunca um cobarde.

QUE PATACODA.

São mais os examinadores do que os examinados!

O Sr. Chico Cidade ultrapassa já as raias da toleima: do seu mal-das-vinhas de hoje á demencia vai um salto de pulga.

PAUTA SEMANAL.

DESTERRO 2 DE DEZEMBRO DE 1860.

Aguardente	medida	600
» restilada	»	1,700
Alhos	cento de restea	2,240
Arroz em casca	alqueire	1,200
» pilado	sacco	7,000
Amendoim	alqueire	1,340
Assucar branco	arroba	6,200
» mascavo	»	4,600
Batatas inglezas	alqueire	3,250
Cafè chumbado	arroba	5,600
» em casquinha	«	3,600
» em casca grossa	sacco	6,200
Chifres de boi	cento	10,000
Couros em cabelo	libras	300
» salgados	»	100
Cal	moio	23,000
Cevada	alqueire	2,000
Cebolas	restea	240
Farinha de mandioca	alqueire	1,280
» de milho	»	2,400
Favas	«	2,000
Feijão	»	3,750
Goma	»	2,500
Gengibra	arroba	1,000
Herva-mate	»	2,000
Mellado	medida	220
Milho debulhado	alqueire	1,900
» em mãos	mão	560
Solla	meio	6,500
Barrotes para soalho	palmo	050
» » forro	um	300
Caibros	»	200
Curvas para lancha	»	500
» » botes	»	320
Eixos para carretas	»	480
Estacas	cento	4,000
Foeiros	»	3,000
Forquilhas	»	20,000
Gissaras inteiras	uma	500
Lenha em toros	cento	4,800
» em achas	»	600
Hombreiras para porta	uma	1,500
Moças para carretas	»	2,000
Páos para raios de carretas	»	640
» » remos	»	600
» de prumo	»	640
Pranchões de oleo	duzia	14,000
» de canella e garuba	»	13,000
» de cedro	»	25,000
» de arribá	»	30,000
» de jacarandá	»	30,000
Ripas de gissara	cento	3,500
» de taboas	duzia	3,000
Solleiras para portas	uma	1,000
Taboas de cos adinho até 20 p.	duzia	10,000
» 20 palmos	»	10,500
« » » para mais	»	12,000
» de garuba até 20 palmos	»	8,000
» » para mais	»	11,000
» de canella até 20 palmos	»	8,000
» » para mais	»	14,000
Taboas de cedro até 20 palmos	duzia	10,000
« » para mais	»	14,000
Tirante	»	16,000
Toros de ipé	um	1,600
« de outras madeiras	«	1,000
Varas	cento	14,000
Vergas para porta	uma	1,000
Vigas até 26 palmos.	palmo	120

Typ Comm. de F. M. Raposo d'Almeida.
Rua da Fonte, N 19.